

Daisy Jones & The Six

Uma história
de amor
e música

Taylor Jenkins Reid

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

BR
BR
BR
BR

Copyright © 2019 by Taylor Jenkins Reid

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Daisy Jones & The Six

CAPA Laura Wakefield

FOTO DE CAPA B & J/ Stocksy

FOTO DE QUARTA-CAPA True Colour Films/ Stone/ Getty Images

PREPARAÇÃO Paula Carvalho

REVISÃO Ana Maria Barbosa e <?>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reid, Taylor Jenkins

Daisy Jones & The Six / Taylor Jenkins Reid ; tradução
Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2019.

Título original: Daisy Jones & The Six

ISBN 978-85-8439-140-0

1. Ficção norte-americana II. Título.

19-25513

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

*Para Bernard e Sally Hanes,
uma história de amor sincera
como nenhuma outra.*

Sumário

<i>Nota da autora</i>	9
A GROUPIE DAISY JONES (1965-72)	11
A ASCENSÃO DOS SIX (1966-72)	23
IT GIRL (1972-4)	47
ESTREIA (1973-5)	55
FIRST (1974-5)	83
SEVENEIGHTNINE (1975-6)	89
A TURNÊ THE NUMBERS (1976-7)	103
AURORA (1977-8)	156
A TURNÊ MUNDIAL AURORA (1978-9)	265
CHICAGO STADIUM (12 DE JULHO DE 1979)	305
DESDE ENTÃO (1979-ATUALMENTE)	325
UMA ÚLTIMA COISINHA ANTES DE IR EMBORA (5 DE NOVEMBRO 2012)	333
<i>Agradecimentos</i>	357

Nota da autora

Este livro é uma tentativa de compor um retrato transparente de como a renomada banda de rock dos anos 1970 Daisy Jones & The Six foi alçada à fama — assim como dos motivos que levaram ao seu abrupto e infame rompimento em Chicago, durante uma turnê, em 12 de julho de 1979.

Ao longo dos últimos oito anos, entrevistei cada um dos membros que faziam ou chegaram a fazer parte da banda, além de familiares, amigos e figuras importantes da indústria fonográfica que conviveram com eles na época. A história oral a seguir é uma edição dessas conversas reunidas, acompanhadas de e-mails, transcrições e letras de músicas. (Todas as letras do álbum *Aurora* podem ser encontradas no fim do livro.)

Apesar da minha tentativa de produzir uma narrativa abrangente, devo reconhecer que isso se revelou impossível. Alguns entrevistados foram difíceis de encontrar, algumas pessoas se mostraram mais disponíveis do que outras, e há aqueles que infelizmente não estão mais entre nós.

Este livro marca a primeira e única vez que os integrantes da banda falaram juntos sobre sua história. No entanto, é importante ressaltar que, tanto em assuntos de maior importância como em detalhes menores, às vezes os relatos de um mesmo acontecimento são divergentes.

Muitas vezes a verdade não está nem de um lado nem de outro, e sim escondida num meio-termo.

A groupie Daisy Jones
(1965-72)

Daisy Jones nasceu em 1951 e foi criada em Hollywood Hills, em Los Angeles, na Califórnia. Filha de Frank Jones, um renomado pintor britânico, e Jeanne LeFevre, uma modelo francesa, começou a ganhar fama no fim dos anos 1960, ainda adolescente, na Sunset Strip.

ELAINE CHANG (*biógrafa, autora de Daisy Jones: Wild Flower*): Tem uma coisa interessantíssima sobre Daisy Jones antes de ela virar “a” Daisy Jones.

Ela era uma menina branca e rica de LA. Sempre foi linda — desde criança. Tinha aqueles olhos azuis enormes — azul cobalto, bem escuros. Uma das minhas histórias favoritas sobre ela é que, nos anos 80, uma fabricante de lentes de contato coloridas criou um tom chamado “azul Daisy”. Os cabelos acobreados eram grossos, ondulados e... muito cheios, roubavam a cena. As maçãs do rosto pareciam quase inchadas, de tão protuberantes. E Daisy tinha uma voz incrível, não precisava se esforçar, nunca fez aula de canto. Ela nasceu com todo o dinheiro do mundo, com acesso a qualquer coisa que quisesse — artistas, drogas, casas noturnas —, tudo estava ao seu dispor.

Mas não tinha ninguém. Nem irmãos, nem familiares próximos em Los Angeles. Com pais tão fechados em seu próprio mundinho que ignoravam sua existência. Por outro lado, nunca perdiam uma oportunidade de fazê-la posar para seus amigos. É por isso que existem tantas pinturas e fotos dela quando criança — os artistas que frequentavam a casa viam Daisy Jones, percebiam aquela beleza incrível e queriam capturá-la em suas obras. O fato de não existir nenhuma pintura de Frank Jones retra-

tando Daisy é revelador. O pai dela estava ocupado demais com seus nus masculinos para prestar atenção na filha. No geral, Daisy teve uma infância bem solitária.

Mas na verdade ela era uma criança muito sociável e extrovertida — ia cortar o cabelo só porque gostava muito do cabeleireiro, pedia aos vizinhos para passear com os cachorros deles. Existe até uma piada interna da família sobre a vez em que Daisy tentou fazer um bolo de aniversário para o carteiro. Ela não passava de uma menina desesperada para criar vínculos com as pessoas. Só que não tinha ninguém na vida dela interessado em saber quem Daisy era de fato, muito menos seus pais. E isso acabou com ela. Por outro lado, também foi assim que ela virou um ícone.

Nós adoramos gente linda e destruída por dentro. E não dá para ser mais *claramente* destruída por dentro e ter uma beleza mais *clássica* que a de Daisy Jones.

Então faz sentido que Daisy tenha começado a se encontrar quando passou a frequentar a Sunset Strip. Um lugar glamoroso, sórdido.

DAISY JONES (*vocalista de Daisy Jones & The Six*): Dava para ir a pé da Strip até a minha casa. Eu devia ter uns catorze anos, estava cansada de passar o dia todo em casa procurando coisa para fazer. Não tinha idade para entrar nos bares e casas noturnas, mas ia mesmo assim.

Lembro de ter filado um cigarro de um roadie dos Byrds quando era bem novinha. Aprendi logo que as pessoas pensam que você é mais velha se você não usa sutiã. E às vezes eu punha uma bandana na cabeça, como as meninas mais descoladas faziam. Queria ser uma das groupies que ficavam nas calçadas, com seus baseados, suas garrafas de bebida e tudo mais.

Então filei um cigarro desse roadie na frente do Whisky a Go Go uma noite — foi a primeira vez que fumei, e tive que fingir que sabia o que estava fazendo. Segurei a tosse na garganta, essas coisas, e dei em cima dele como pude. Dá até vergonha de pensar nisso hoje, provavelmente foi bem ridículo.

Mas no fim um cara chegou nesse roadie e falou: “A gente precisa entrar para montar o som”. Aí ele se virou para mim e perguntou: “Você vem?”. E foi assim que eu entrei no Whisky pela primeira vez.

Fiquei por lá até umas três ou quatro da manhã nesse dia. Eu nunca tinha feito nada do tipo antes. Mas de repente me senti como se estivesse viva de verdade. Como se fizesse parte de alguma coisa. Fui de zero a cem naquela noite. Bebi e fumei tudo o que apareceu na minha frente.

Entreí em casa naquela noite pela porta da frente, bêbada e chapada, e desmaiei na cama. Tenho certeza de que os meus pais nem perceberam que eu tinha saído.

Acordei, saí de novo na noite seguinte e fiz a mesma coisa.

No fim, os seguranças da Strip passaram a me reconhecer e me deixar entrar onde quisesse. Whisky, London Fog, Riot House. Ninguém se importava com a minha idade.

GREG MCGUINNESS (*ex-concierge do hotel Continental Hyatt House*): Ah, nossa, não sei há quanto tempo a Daisy já frequentava o Hyatt House antes de eu reparar nela. Mas lembro da primeira vez que a vi. Eu estava no telefone quando vi uma garota de franjinha incrivelmente alta e magra entrando. Com olhos grandes e redondos, os mais azuis que eu já tinha visto. E tinha também o sorriso. Um sorriso. Ela entrou de braço dado com um cara qualquer. Não lembro quem era.

Naquela época, tinha um monte de meninas na Strip que eram novinhas, sabe, mas tentavam parecer mais velhas. Mas Daisy simplesmente *era*. Não tinha esse negócio de tentar parecer outra coisa. Só mostrava quem era de verdade.

Depois disso, comecei a reparar que ela passava bastante tempo no hotel. Estava sempre rindo. Não tinha nada de deprê, pelo menos nessa época. Era como ver o Bambi aprendendo a andar. Ela era bem ingênua e vulnerável, mas dava para ver que tinha alguma coisa de especial.

Fiquei preocupado com ela, para dizer a verdade. Tinha um monte de caras naquela cena que eram... interessados em meninas novinhas. Astros de rock de trinta e tantos anos indo para a cama com adolescentes. Não estou dizendo que era certo, só que era assim que funcionava. Quantos anos Lori Mattix tinha quando ficou com Jimmy Page? Catorze? E lembra do Iggy Pop com Sable Starr? Ele até cantava sobre isso, pô. Ficava se gabando.

No caso da Daisy... Tipo, os vocalistas, os guitarristas, os roadies... todo mundo estava de olho nela. Quando a gente se encontrava, eu sempre tentava saber se ela estava bem. Meio que ficava tomando conta, na medida do possível. Eu gostava dela de verdade. Era uma garota mais interessante do que as coisas que aconteciam ao seu redor.

DAISY: Aprendi sobre sexo e amor do jeito mais difícil. Que os homens pegam o que querem sem se preocupar em oferecer nada em troca, que tem pessoas que só querem saber de uma coisa e nada mais.

Acho que no caso de certas meninas — como as Plaster Casters, algumas das GTOs —, talvez ninguém estivesse se aproveitando delas, não sei. Mas para mim foi uma cena bem cruel, no começo.

Perdi minha virgindade com um cara que... não interessa quem era. Era mais velho, um baterista. A gente estava no saguão do Riot House, e ele me convidou para subir e cheirar umas carreiras. Disse que eu era a garota dos sonhos dele.

Eu estava a fim dele porque ele estava a fim de mim. Só queria que alguém me achasse especial. Estava louca para despertar o interesse de alguém.

Quando fui ver, a gente estava na cama dele. Ele me perguntou se eu entendia o que estava rolando, e respondi que sim, apesar da resposta ser não. Mas todo mundo só falava de amor livre, que sexo era bom. Para ser bacana, descolada, você tinha que gostar de sexo.

Passei o tempo inteiro olhando para o teto, esperando ele terminar. Eu sabia que tinha que me mexer também, mas fiquei totalmente paralisada, com medo de fazer qualquer movimento. A única coisa que dava para ouvir naquele quarto era o som das nossas roupas se esfregando na colcha da cama.

Eu nem tinha ideia do que estava acontecendo, não sabia por que fazia essas coisas mesmo sem estar a fim. Mas fiz muita terapia na vida depois disso. Muita terapia mesmo. E agora entendo. Consigo me ver com muita clareza. Eu queria estar perto desses homens — esses caras famosos — porque não conhecia outra forma de me sentir importante. E achei que precisava agradá-los se quisesse ficar por lá.

Quando terminou, ele levantou da cama. Eu baixei meu vestido. E ele falou: “Se você quiser voltar lá para baixo para ficar com os seus ami-

gos, tudo bem”. Na verdade, eu nem tinha amigos. Mas sabia que ele estava me mandando cair fora. Então fui embora.

Ele nunca mais falou comigo.

SIMONE JACKSON (*estrela da era disco*): Eu lembro de ter visto Daisy na pista de dança uma noite no Whisky. Todo mundo reparava nela. Os olhares se voltavam para ela. Como se o resto do mundo fosse de prata, e Daisy de ouro.

DAISY: Simone virou minha melhor amiga.

SIMONE: Eu levava Daisy comigo para todo lugar. Era a irmã que nunca tive.

Lembro que... Foi na revolta da Sunset Strip, quando todo mundo foi para a frente do Pandora’s protestar contra o toque de recolher da prefeitura e da polícia. Daisy e eu fomos ao protesto, encontramos uns atores por lá e esticamos a noitada no Barney’s Beanery. Depois disso, fomos para a casa de alguém. A Daisy dormiu no quintal do cara. Só fomos para casa na tarde seguinte. Ela devia ter uns quinze anos. Eu, uns dezenove. Vivia me perguntando: *Será que ninguém além de mim se preocupa com essa menina?*

E, aliás, todo mundo tomava anfetamina nessa época, até Daisy, com a idade que tinha. Mas, se você quisesse ser magra e ter pique para passar a noite toda acordada, precisava tomar alguma coisa. Principalmente benzedrina ou bifetamina.

DAISY: Os remédios para emagrecer eram a opção mais fácil. Era como se a gente não tivesse escolha. Nem parecia que a gente estava se drogando no começo. Com o pó era a mesma coisa. Se alguém oferecia, você mandava uma carreirinha. O pessoal não considerava isso um vício. Não era assim que a coisa era vista.

SIMONE: Meu produtor me arrumou um lugar para morar em Laurel Canyon. Ele queria ir para a cama comigo. Eu disse que não, mas ele topou pagar mesmo assim. Chamei Daisy para morar comigo.

Dividimos a mesma cama por uns seis meses. Então posso dizer em primeira mão que ela *nunca* dormia. Às quatro da manhã, enquanto eu tentava pegar no sono, Daisy queria a luz acesa para poder ler.

DAISY: Eu tive insônia por muito tempo, desde criança. Ia para a cama às onze da noite dizendo que não estava cansada, mas meus pais me obrigavam, gritavam “vai dormir”. Então no meio da noite sempre acabava fazendo coisas que não fizessem barulho. Minha mãe tinha um monte de romances em casa, então eu lia. Às vezes, enquanto meus pais estavam dando uma festa no andar de baixo às duas da manhã, eu estava na minha cama com o abajur aceso, lendo *Doutor Jivago* ou *A caldeira do diabo*.

E isso virou um hábito. Eu lia o que aparecesse na minha frente. Não tinha nenhuma preferência. Podia ser suspense, policial, ficção científica.

Quando fui morar com a Simone, encontrei uma caixa cheia de biografias de personagens históricos jogada na rua um dia, lá no Beachwood Canyon. Devorei todas.

SIMONE: Vou te dizer uma coisa, foi por causa dela que comecei a dormir de máscara (*risos*). Mas depois continuei fazendo isso porque achava chique.

DAISY: Eu já estava morando com a Simone fazia duas semanas quando fui para casa pegar mais roupas.

Meu pai perguntou: “Foi você que quebrou a cafeteira hoje de manhã?”.

Eu respondi: “Pai, eu nem moro mais aqui”.

SIMONE: Eu falei que a única condição para ela morar comigo era não parar de ir à escola.

DAISY: A época de colégio não foi fácil para mim. Eu sabia que para tirar notas altas era preciso fazer as coisas como mandavam. Mas também sabia que muita coisa que falavam para a gente era papo furado. Lembro de uma vez que tive que fazer um trabalho explicando como Colombo descobriu a América, então escrevi um texto dizendo que Colombo *não* descobriu a América. Porque não descobriu mesmo. Mas tirei zero por isso.

Falei para a professora: “O que eu escrevi está certo”.

E ela respondeu: “Mas não seguiu as instruções de como fazer o trabalho”.

SIMONE: Ela era tão inteligente, mas os professores não pareciam dispostos a reconhecer isso.

DAISY: As pessoas sempre dizem que não terminei o colégio, mas eu me formei, sim. Quando atravessei o palco para pegar o diploma, Simone estava lá me aplaudindo, toda orgulhosa de mim. E, assim, comecei a ter orgulho de mim mesma também. Naquela noite, tirei o diploma de dentro do canudo, dobrei e guardei dentro do meu exemplar de *O vale das bonecas*, como um marcador de páginas.

SIMONE: Meu primeiro disco foi um fracasso, e a gravadora rompeu meu contrato. O produtor expulsou a gente da casa. Arrumei um trabalho de garçonzete e fui morar com uma prima em Leimert Park. Daisy teve que voltar para a casa dos pais.

DAISY: Eu simplesmente peguei minhas coisas que estavam na casa da Simone e voltei para a casa dos meus pais. Quando entrei pela porta da frente, minha mãe estava ao telefone, fumando um cigarro.

Eu falei: “Oi, estou de volta”.

Ela respondeu: “A gente comprou um sofá novo”, e continuou falando ao telefone.

SIMONE: Daisy herdou da mãe toda aquela beleza. Jeanne era maravilhosa. Lembro de ter falado com ela algumas vezes na época. Olhos grandes, lábios bem cheios. Uma sensualidade marcante. As pessoas sempre falavam para Daisy que ela era igualzinha à mãe. As duas eram parecidas mesmo, mas eu conhecia Daisy o suficiente para não dizer isso a ela.

Acho que uma vez falei: “Sua mãe é linda”.

Daisy me respondeu: “Pois é, ela é linda, e só”.

DAISY: Quando a gente foi expulsa da casa da Simone, percebi pela primeira vez que eu não podia ficar à toa por aí, dependendo de outras pessoas. Acho que eu devia ter uns dezessete anos. E foi a primeira vez que me perguntei qual era meu objetivo na vida.